



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

LAURA OLIVEIRA CRUZ

Caracterização do mercado de buriti (*Mauritia flexuosa*) no Distrito Federal

BRASÍLIA – DF

2022

LAURA OLIVEIRA CRUZ

Caracterização do mercado de buriti (*Mauritia flexuosa*) no Distrito Federal

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão do Agronegócio, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão do Agronegócio.

Orientadora: Prof^a. Janáina Deane de Abreu Sá Diniz

BRASÍLIA – DF

2022

Resumo

O buriti é uma palmeira que ocorre no Brasil, no Cerrado, na Amazônia, no Nordeste e em outros países da América do Sul. O buritizeiro pode ser inteiramente aproveitado, gerando diversos produtos. Sua obtenção ocorre por meio do extrativismo e uma das suas principais características é a forte sazonalidade, demorando cerca de 2 anos entre uma safra e outra. Entre 2000 e 2020 o Brasil apresentou uma produção constante de buriti, com alguns picos e quedas, enquanto o valor da produção vem apresentando tendência de crescimento desde 2000, assim como a participação da fruta no Valor da Produção na Extração Vegetal e Silvicultura Brasileira (PEVS). As principais Unidades da Federação que produzem buriti são Pará, Maranhão e Bahia. O estado que mais arrecada com a sua venda é o Maranhão seguido do Pará. Este trabalho tem por objetivo compreender a cena atual do buriti (*Mauritia flexuosa*) no mercado nacional a partir de dados de produção e comercialização, identificar agentes que comercializam e distribuem derivados do buriti no Distrito Federal, apontar seus fornecedores, mapear os principais estados que fornecem esses produtos para o mercado brasileiro e, por fim, constatar os entraves centrais que dificultam a comercialização e distribuição deste fruto na capital. A metodologia utilizada consiste na pesquisa exploratória por meio do levantamento de dados bibliográficos e da realização de entrevistas. Foram realizadas entrevistas com quatro organizações do Distrito Federal que trabalham com buriti, sendo que seus fornecedores estão localizados no Piauí, Minas Gerais, Bahia e Goiás. Os produtos mais populares obtidos pelas organizações são as lascas desidratadas e o óleo do buriti. Três dos entrevistados indicaram a sazonalidade como a principal dificuldade na aquisição do buriti e somente um deles acredita que a demanda por esses produtos pode crescer futuramente. Por fim conclui-se que a renda gerada pelo buritizeiro é de grande importância para muitas famílias das regiões de ocorrência da espécie. Entre os motivos do buriti pode ser pouco disseminado no DF tem-se falta de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e de ações de valorização e fortalecimento dos agroextrativistas e da cadeia como um todo.

Palavras-Chave: Buriti; *Mauritia flexuosa*; Mercado; Distrito Federal

Abstract

Buriti is a palm tree that occurs in Brazil, in the biomes Cerrado, Amazônia, as well as in the Northeast and other countries in South America. The buriti palm tree (buritizeiro) can be fully utilized, generating several products. It is obtained through extractivism and one of its main characteristics is the strong seasonality, taking about 2 years between one harvest and another. From 2000 to 2020 Brazil has a constant production of buriti, with some peaks and falls, while the value of Brazilian buriti production has shown a growth trend since 2000, as well as the fruit's share in the Value of Production in Brazilian Plant and Forestry Extraction. The main Units of the Federation that produce buriti are Pará, Maranhão and Bahia. The state that earns the most from its sale is Maranhão followed by Pará. This work aims to understand the current scene of buriti (*Mauritia flexuosa*) in the national market from production and commercialization data, identify the agents that sell and distribute buriti byproducts in Distrito Federal, point out their suppliers, map the main states that supply these products for the Brasília market and, finally, to verify the central obstacles that make it difficult to commercialize and distribute this fruit in the capital. The methodology used consists of exploratory research through the collection of bibliographic data and interviews. Interviews were carried out with four organizations that work with buriti in the Federal District. Their suppliers are located in Piauí, Minas Gerais, Bahia and Goiás. The most popular products obtained by the organizations are dehydrated chips and buriti oil. Three of the interviewees indicated seasonality as the main difficulty in acquiring buriti and only one of them believes that the demand for these products may grow in the future. Finally, it is concluded that the income generated by the buritizeiro is of great importance for many families in the regions of occurrence of the species. Among the causes of the little dissemination of buriti in the Federal District is the lack of research, technological development and actions of valorization and strengthening of agro-extractivists and the production chain as a whole.

Keywords: Buriti; *Mauritia flexuosa*; Market; Federal District.

Sumário

1. Introdução	8
2. Metodologia	10
3. Resultados e Discussão	10
3.1. Caracterização	10
3.2. A produção de buriti ao longo dos anos	13
4. Distribuição de produtos do buriti no Distrito Federal	20
4.1. Caracterização das Organizações	20
4.1.1. Fornecedores.....	22
4.1.2. Dificuldades de aquisição.....	23
4.1.3. Distribuição e escoamento.....	24
5. Considerações finais.....	25
6. Referências	26
Apêndice	29
Roteiro de Entrevista.....	29

1. Introdução

O buriti (*Mauritia flexuosa*) é uma palmeira característica dos biomas Amazônia e Cerrado, ocorre naturalmente em áreas onde o solo permanece encharcado durante o ano todo, como nas margens de rios, lagoas, córregos e veredas. Se assemelha, com a buritirana, a bacaba, o babaçu, a gueiroba e a piaçava. Ele pode ter até 40 m de altura e possui caule com 13 a 55 cm de diâmetro. Conforme a região, recebe diferentes nomes populares como miriti, muriti, palmeira-do-brejo, moriche, carangucha e aguaje (SAMPAIO, 2011).

No bioma Cerrado o buriti é encontrado em áreas com irrigação constante ou até mesmo alagadas sendo muito comuns em veredas. As veredas são um tipo de vegetação que acompanha cursos d'água nas cabeceiras dos córregos, em volta de nascentes e no fundo dos vales.

Do buriti podemos obter diversos produtos, como: as lascas desidratadas, farinha, polpas, doces, sorvetes, óleos, produtos panificados, cosméticos, remédios caseiros, artesanatos, utensílios, móveis, entre outros. Toda a palmeira pode ser aproveitada desde suas raízes, às folhas e sementes e, por este motivo, ganhou o nome popular de árvore da vida (SAMPAIO, 2011).

O fruto e a palmeira do buriti representam uma fonte de renda importante para diversas comunidades, principalmente no Norte do país. Segundo Barbosa (2016), na região Amazônica, famílias trabalham em conjunto somente com a extração do óleo de buriti e conseguem, em média, uma renda mensal de R\$ 3.000,00, enquanto o rendimento nominal mensal domiciliar per capita da população da região na época era de R\$ 761,00 (IBGE, 2016).

A palmeira, além de representar um forte valor socioeconômico para as comunidades extrativistas, também é de grande importância para a preservação dos biomas em que está inserida, assim como de diversas espécies animais. Para Souza e Viana (2018, p. 538), “muitos animais estão desaparecendo do Cerrado, porque se alimentam dos frutos do buriti e dependem desta palmeira para sobreviver, como o veado, o cateto, o jabuti, o lobo-guará, os macacos e muitas curicas, araras e psitacídeos.”.

Os buritizais são essenciais para o equilíbrio do Cerrado, eles mantêm o solo úmido e auxiliam na manutenção dos olhos-d'água. Da mesma forma, é medular em áreas de reflorestamento e recuperação de nascentes, pois além de favorecerem a agregação de água na

terra, ainda age como filtro, removendo sedimentos e nutrientes, fornecendo água limpa ao habitat à jusante (SOUZA; VIANA, 2018).

O Distrito Federal se encontra no Planalto Central, região de Cerrado, onde se localizam as cabeceiras de afluentes de três dos maiores rios brasileiros - o Rio Maranhão (afluente do Rio Tocantins), o Rio Preto (afluente do Rio São Francisco) e os rios São Bartolomeu e Descoberto (tributários do Rio Paraná) (ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL, 2009).

Mesmo o Distrito Federal fazendo parte do Cerrado, ele se encontra alheio às tradições locais dos povos nativos desta terra. Como destaca Fernandes (2009), a construção de Brasília trouxe uma nova dinâmica cultural e econômica ao território, a nova dinâmica demográfica incentivou a saída dos moradores nativos de suas terras para os núcleos urbanos. A abertura da fronteira agrícola incentivou a chegada de paulistas e gaúchos, que transformaram o lado dos gerais da Bahia numa imensa monocultura de grãos.

A população do Distrito Federal é composta quase que na sua metade por migrantes de outros estados, 24% destes vindos do Norte e Nordeste (CODEPLAN, 2020). Os produtos do buriti são culturalmente mais difundidos nessas duas regiões, no entanto, a presença deste fruto e seus derivados nos hábitos dos brasilienses é pouco disseminada.

Para a compreensão do cenário atual do buriti no Distrito Federal, precisamos primeiramente levantar informações acerca do mercado de buriti em escala nacional. É de suma importância assimilar o comportamento e as características da comercialização do buriti nos demais estados e no Brasil como um todo.

Diante do contexto apresentado para a cadeia produtiva do buriti no Distrito Federal, consideramos interessante pesquisar se o mercado nacional para este produto está em expansão ou em declínio, os possíveis motivos para a baixa popularidade do buriti no Distrito federal e, a partir das entrevistas, procuramos entender a visão dos comerciantes locais a respeito do fruto e de seus derivados.

Os objetivos deste trabalho são: Primeiramente compreender a cena atual do buriti no mercado nacional a partir de dados de produção e comercialização, identificar agentes que comercializam e distribuem derivados do buriti no Distrito Federal, apontar seus fornecedores, mapear os principais estados que fornecem esses produtos para o mercado brasiliense e, por fim, constatar os entraves centrais que dificultam a comercialização e distribuição deste gênero na capital.

2. Metodologia

A presente pesquisa é de natureza exploratória, pois busca identificar os fatores que compõem a cadeia produtiva do buriti no mercado brasileiro, através da compilação de conhecimento acerca de toda a temática e de suas particularidades.

Segundo Piovesan e Temporini (1995, p. 321), “Define-se pesquisa exploratória, na qualidade de parte integrante da pesquisa principal, como o estudo preliminar realizado com a finalidade de melhor adequar o instrumento de medida à realidade que se pretende conhecer.”. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, onde o objetivo é proporcionar maior familiaridade com o tema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

As técnicas/instrumentos utilizados na pesquisa foram: o levantamento bibliográfico, permitindo conhecer o que já se estudou sobre o assunto, entrevistas, para a obtenção de dados e informações não documentadas e a abordagem crítica, para a construção de hipóteses. De acordo com Rosa e Arnoldi (2006, p.17),

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo.

3. Resultados e Discussão

3.1. Caracterização

O buriti é a planta mais característica das veredas do cerrado brasileiro, ocorrendo em quase todo o Cerrado, na Amazônia e no Pantanal nordestino (região do Pantanal de Pacatuba SE). Fora do território brasileiro ele também está presente na Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Trinidad e Tobago, Guiana, Suriname e Guiana Francesa (SAMPAIO, 2011) (Figura 1).



Figura 1: Ocorrência do buriti.
Fonte: Sampaio e Carrazza (2012, p 18).

Uma das principais características do buriti é a sua sazonalidade. Segundo Souza e Viana (2018, p. 538) “a produção do buriti é anual e em indivíduos femininos ocorrem a cada dois anos, no final do período chuvoso.”. Este aspecto torna o fruto pouco acessível em boa parte do ano ou até mesmo indisponível em anos de safra menor.

O buriti é obtido por meio do extrativismo vegetal, onde, “durante a safra, geralmente os frutos maduros são colhidos do chão, após terem caído naturalmente. Alguns coletores cortam os cachos no pé do buriti, assim que os frutos amadurecem e começam a cair” (SAMPAIO, 2011, p 38).

Segundo Hinoraka (2000), o extrativismo é a mais antiga atividade humana para o aproveitamento dos recursos naturais, que consiste na simples coleta, recolha, extração ou captura de produtos animais ou vegetais, que não tiveram interferência humana em sua produção. Vale ressaltar, que mesmo sendo uma atividade milenar, esta não perde sua importância nem mesmo é possível afirmar que é uma atividade arcaica ou que se extinguirá futuramente.

A extração vegetal no Brasil movimentava bilhões de reais anualmente, tendo levantado cerca de R\$4,5 bilhões no ano de 2019. Esta atividade é responsável pela obtenção da maior

parte dos produtos florestais não madeireiros (PFNM) do país e vem apresentando crescimento nos últimos 10 anos (MAPA, 2019).

Apesar dos volumes e valores movimentados, o extrativismo não se destaca economicamente. As dificuldades de escalonamento, padronização, transporte e comercialização tornam o produto pouco atrativo para o grande capital, portanto, tende a ser substituído por grandes cultivos padronizados e mecanizados (PIRES et al., 1999; CARVALHO, 2006 *apud* AFONSO, 2021).

Ao focarmos no contexto do Cerrado, o extrativismo ou até mesmo a produção de espécies nativas, estão sendo significativamente prejudicados pela carência de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e ações de valorização e fortalecimento, mesmo que, anteriormente já tenha sido identificado potencial de uso e mercado para essas espécies ao lado de cultivos diversificados e da criação animal (DINIZ et al., 2014).

O Distrito Federal se encontra em meio ao *Sertão Central* ou *Sertão das Gerais*, uma região unificada pela presença das chapadas e do Cerrado ela compartilha o mesmo clima e também a mesma base geológica. Compreende o alto e médio do rio São Francisco e os planaltos centrais localizados em partes dos estados de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, Maranhão e Piauí (SCHETTINO, 1995).

De acordo com Fernandes (2009, p.168), a região do *Sertão Central* não se resume apenas aos fatores geográficos, mas

[...]verifica-se aí uma "região cultural", áreas que mantêm traços sociais, culturais e econômicos similares, característicos, de certa maneira, de uma identidade regional. Dessa forma, nos domínios do Brasil Central, as conexões homem-buriti são intermediadas por unidade de ideias, de sentimentos, e de estilos de vida similares.

No entanto, o Distrito Federal não se encaixa nesta descrição do *Sertão Central*.

A forma de inserção do Distrito Federal no ambiente Cerrado foi feita de forma abrupta. A criação da cidade pouco envolveu os habitantes nativos e seus conhecimentos. Os sertanejos da região, seu estilo de vida e suas práticas de cuidado com a terra, foram por muito tempo fiscalizadas e repreendidas pelo Estado. Deste modo, muito da cultura e dos saberes históricos foram perdidos, não somente acerca do buriti, mas de diversas espécies (FERNANDES, 2009).

3.2. A produção de buriti ao longo dos anos

Ao analisarmos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a participação do buriti no extrativismo vegetal e silvicultura do ano de 2020 foi de 0,05% do total, representando um montante de 482 toneladas no valor de 2.385 mil reais (Tabela 1).

Tabela 289 - Quantidade produzida e valor da produção na extração vegetal, por tipo de produto extrativo	
Ano - 2020	
Tipo de produto extrativo - 5.1 - Buriti	
1 - Brasil	
Variável	
Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)	482
Valor da produção na extração vegetal (Mil Reais)	2.385
Valor da produção na extração vegetal - percentual do total geral	0,05
Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura	

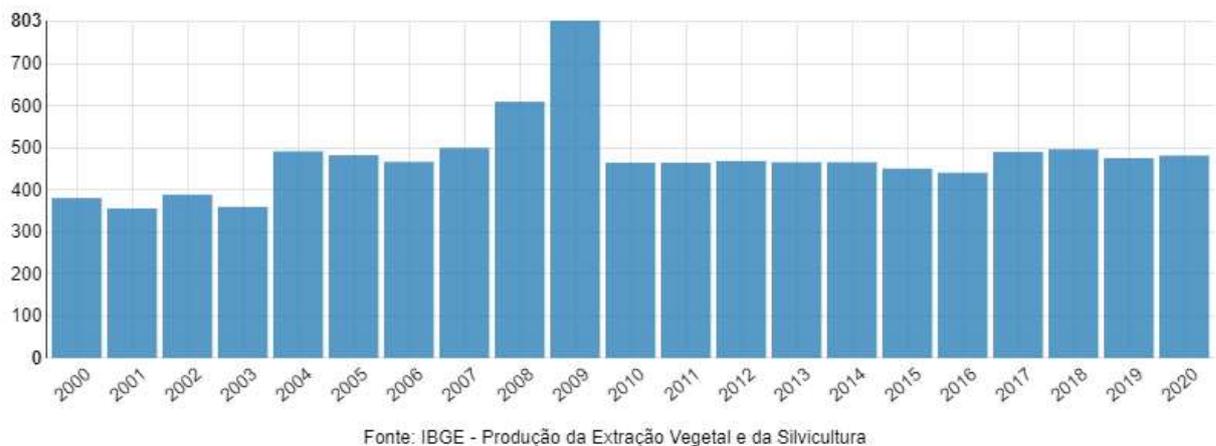
Tabela 1: Dados buriti 2020.

Fonte: IBGE (2022).

Estes dados ganham corpo quando observamos os montantes produzidos nos últimos anos. A variável quantidade produzida apresenta ascensão entre os anos de 2006 e 2009, mas logo após isto, cai mais de um terço e se estabiliza em torno das 470t pelos próximos anos (Gráfico 1).

Gráfico 1: Brasil - Quantidade produzida (Toneladas) 2000 a 2020.

Fonte: IBGE (2022)

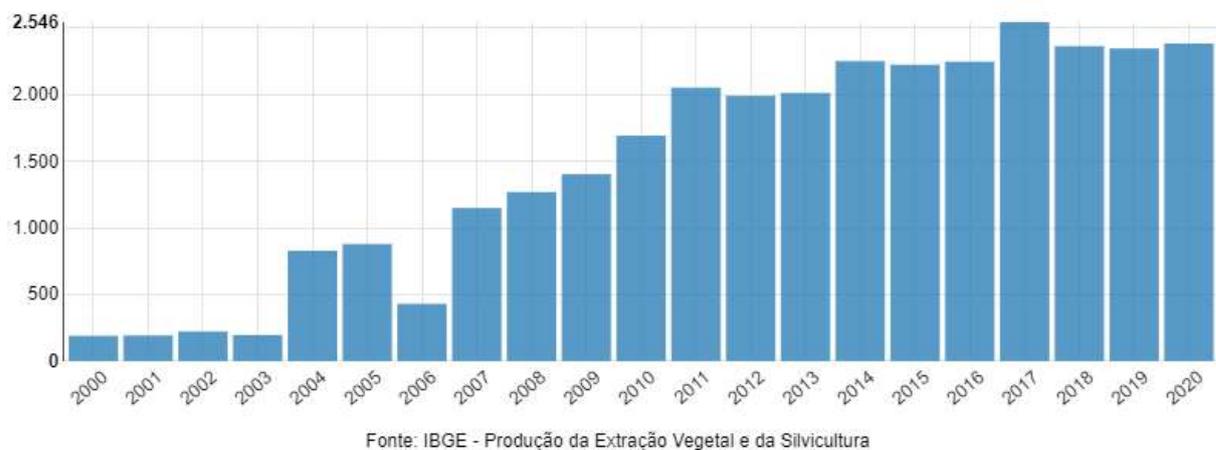


Os maiores desempenhos foram apresentados nos anos de 2008 e 2009. De 2007 para 2008 houve um crescimento de 22% e de 2008 para 2009 o crescimento foi de 31%. Já os

menores desempenhos foram relatados nos anos de 2001 com -7% em relação ao ano anterior e 2003, que apresentou queda de 8% após 2002. Estes dados serão explorados mais a fundo na tabela 2.

O valor da produção pode ser acompanhado no Gráfico 2. No geral os valores indicam uma tendência de subida, entretanto, em 2006 o Valor arrecadado caiu bruscamente, apesar da produção não apresentar diminuição semelhante no mesmo período. Este fenômeno será retratado com mais clareza na tabela 3.

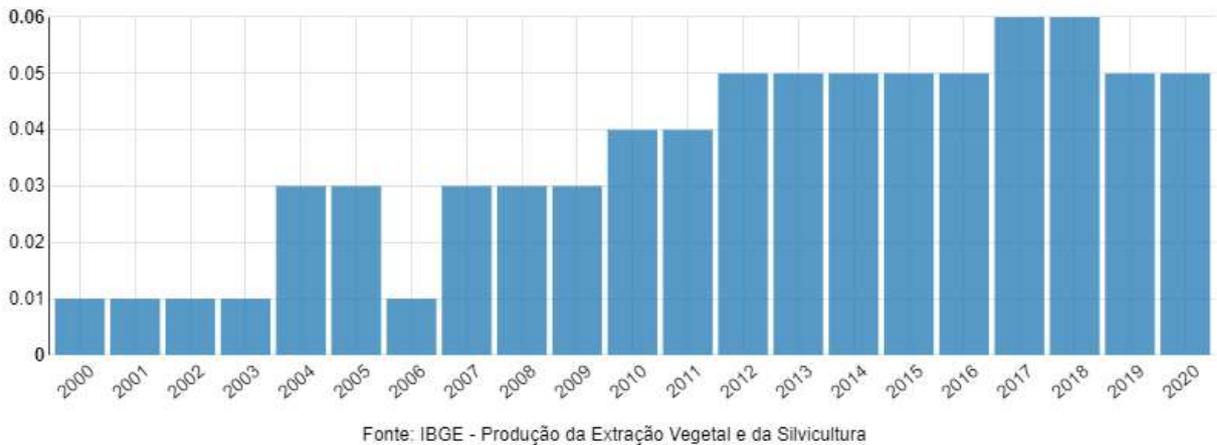
Gráfico 2: Brasil - Valor da Produção (Mil Reais) 2000 a 2020.
Fonte: IBGE (2022)



É importante mencionar que em 2009 o valor da produção exibiu um crescimento discreto em relação ao ano anterior, o que não colabora com o salto de produção apresentado naquele ano.

O buriti é considerado um PFM e, nesse sentido, é relevante mencionar a sua participação percentual no Valor da Produção na Extração Vegetal e Silvicultura Brasileira. Podemos observar uma semelhança com o delineamento apresentado pelo gráfico de Valor da Produção (Gráfico 3).

Gráfico 3: Brasil - Valor da Produção na Extração Vegetal e Silvicultura (Percentual do Total Geral) 2000 a 2020.
Fonte: IBGE 2022.



Para examinarmos os indicadores apresentados anteriormente de forma mais detalhada, podemos utilizar os dados referentes à participação das principais Unidades da Federação (UF) que fornecem o fruto. Em termos de quantidade produzida, o estado do Pará lidera disparado de 2000 a 2020 sendo ultrapassado apenas uma vez pelo Acre, que no ano de 2009 conquista a maior produção registrada no período, fato este, que esclarece o grande salto de produção que foi citado anteriormente. O Maranhão atinge o segundo lugar em produção de 2004 a 2020, exceto pelos anos de 2008 e 2009.

Buriti - Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas) por Unidade da Federação.																					
Unidade da Federação/Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Acre	-	-	-	17	36	39	52	53	167	356	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amazonas	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	-	2	2	5	1	1	23	13	13
Pará	295	303	296	289	280	261	259	247	250	252	254	255	259	257	258	264	261	257	264	249	270
Tocantins	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	-	-	-	0	0	0	-	69	46	49	44
Maranhão	26	25	26	26	147	153	125	141	133	132	138	139	142	146	148	135	134	122	126	126	118
Piauí	2	2	2	2	2	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	3	2	2	2	3	2	3	3	3	4	4	4	4	5	5	4	4	3	2	2	1
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-
Bahia	54	21	61	22	23	24	24	53	55	56	69	67	63	56	53	44	42	37	35	37	34
Minas Gerais	0	0	0	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0	0

Células preenchidas com "-" representam que nenhuma produção foi registrada

Menor Valor Maior Valor

Células preenchidas com "0" representam produção > 0 e < 1

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura

Tabela 2: Quantidade produzida por UF de 2000 a 2020.
Fonte: IBGE 2022.

A produção do Acre somente foi registrada entre os anos de 2003 e 2009, apesar de apresentar um forte potencial. O motivo da falta de registro a partir de 2010 é desconhecido. É possível identificar na tabela hiatos de produção em diversos estados, alguns destes podem ser

pelas próprias características reprodutivas do buriti, mas também pela dificuldade de obtenção de informações sobre a produção extrativa.

O ano em que mais estados participaram da produção nacional foi 2003, totalizando 9. Já em 2012, constam dados de produção de somente 4 estados. No entanto, ao cruzarmos esses dados com o total produzido (Gráfico 1) nestes mesmos anos, podemos observar que tanto a participação mais baixa quanto a mais alta não afetaram significativamente os montantes obtidos.

Para cada UF também foi indicada a quantia arrecadada entre 2000 e 2020. O Maranhão obtém os melhores valores de 2004 a 2020, seguido pelo Pará e pela Bahia. Ao resgatarmos o que foi dito anteriormente sobre a queda de arrecadação ocorrida em 2006, constatamos que neste ano o Maranhão apresenta uma queda brusca neste quesito.

Buriti - Valor da produção na extração vegetal (Mil Reais) por Unidade da Federação.																						
Unidade da Federação/ Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	
Acre	-	-	-	5	10	12	16	17	61	134	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Amazonas	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	1	1	-	0	2	7	5	4	48	30	31	
Pará	133	109	67	70	90	82	95	261	266	261	279	308	339	326	406	476	473	491	529	505	595	
Tocantins	1	1	1	2	3	3	3	3	3	4	-	-	-	0	1	1	-	374	217	213	216	
Maranhão	38	40	46	52	660	708	242	770	832	887	1266	1500	1421	1449	1613	1552	1568	1496	1416	1425	1379	
Piauí	1	1	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Ceará	3	3	3	4	4	4	4	5	4	5	7	11	12	17	19	18	21	19	12	9	8	
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	
Bahia	12	37	101	58	60	66	67	92	100	110	139	232	219	219	213	172	182	156	140	166	155	
Minas Gerais	0	0	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	1	0
Células preenchidas com "-" representam que nenhuma produção foi registrada																						
Menor Valor Maior Valor 																						
Células preenchidas com "0" representam produção > 0 e < 1																						
Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura																						

Tabela 3: Valor da Produção por UF de 2000 a 2020.

Fonte: IBGE 2022.

Outro fator de notável importância para a melhor compreensão deste cenário é a relação entre a quantidade produzida por cada estado e o valor arrecadado pelos mesmos. Um comportamento peculiar pode ser visto quando revelamos o equivalente para cada ano e estado em reais arrecadados por quilo produzido.

Buriti - Valor Arrecadado por Quilo produzido por Unidade da Federação (Reais).																					
Unidade da Federação/Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Acre	-	-	-	0,29	0,28	0,31	0,31	0,32	0,37	0,38	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Amazonas	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	-	-	-	-	1,00	1,40	5,00	4,00	2,09	2,31	2,38
Pará	0,45	0,36	0,23	0,24	0,32	0,31	0,37	1,06	1,06	1,04	1,10	1,21	1,31	1,27	1,57	1,80	1,81	1,91	2,00	2,03	2,20
Tocantins	1,00	1,00	1,00	2,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	4,00	-	-	-	-	-	-	-	5,42	4,72	4,35	4,91
Maranhão	1,46	1,60	1,77	2,00	4,49	4,63	1,94	5,46	6,26	6,72	9,17	10,79	10,01	9,92	10,90	11,50	11,70	12,26	11,24	11,31	11,69
Piauí	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	0,50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ceará	1,00	1,50	1,50	2,00	1,33	2,00	1,33	1,67	1,33	1,25	1,75	2,75	3,00	3,40	3,80	4,50	5,25	6,33	6,00	4,50	8,00
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bahia	0,22	1,76	1,66	2,64	2,61	2,75	2,79	1,74	1,82	1,96	2,01	3,46	3,48	3,91	4,02	3,91	4,33	4,22	4,00	4,49	4,56
Minas Gerais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,00	3,00	-	-
Células preenchidas com "-" representam que nenhuma produção foi registrada ou que o cálculo foi inviabilizado.																					
Menor Valor											Maior Valor										
Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura																					

Tabela 4: Valor Arrecadado por Quilo produzido por Unidade da Federação (Reais) de 2000 a 2020.

Fonte: IBGE 2022.

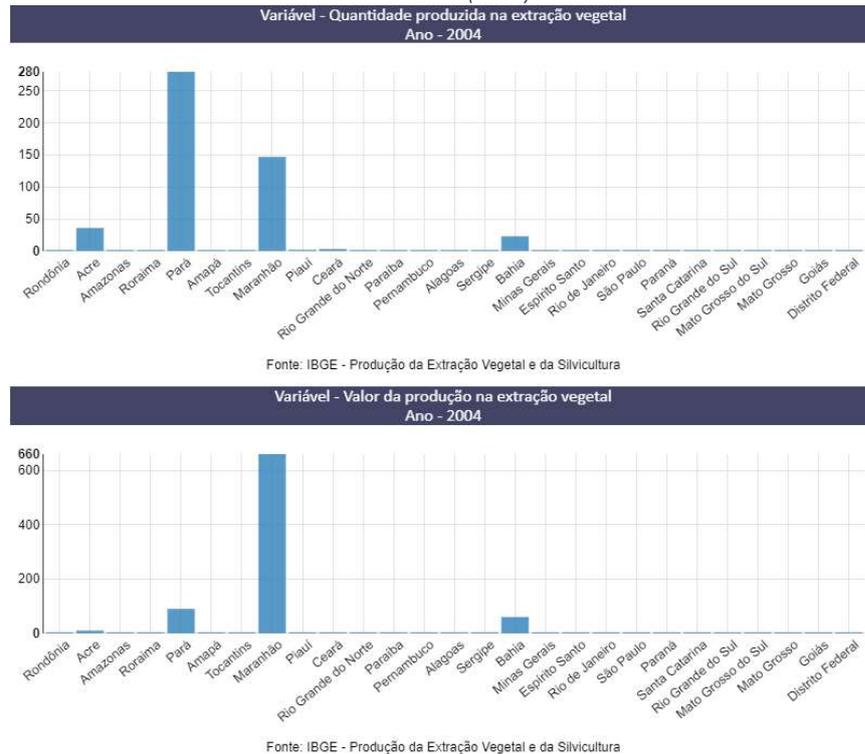
No ano de 2000 (Tabela 4), o Pará produziu 295t e arrecadou cerca de R\$133.000,00, enquanto que o Maranhão produziu 26t, totalizando R\$38.000,00. Apesar de o Pará permanecer em primeiro lugar em ambos os parâmetros, quando calculamos o valor do quilo do produto vendido obtemos, R\$ 0,45 /kg no produto paraense e R\$1,46/kg no produto maranhense, uma diferença de 224,4% no valor entre os estados.

A partir de 2004 esta diferença se acentua ainda mais, resultando na disparada do Maranhão na variável valor da produção (Gráfico 5), enquanto se mantém em segundo lugar, com 133 toneladas abaixo do Pará na variável quantidade produzida. Neste período o Pará negociava o quilo do buriti por R\$0,32, enquanto o Maranhão por R\$4,49, totalizando 1303% de diferença entre os valores. Neste mesmo ano a diferença entre o preço praticado pelo Maranhão e o Acre era de 1504%.

Diversos fatores podem estar envolvidos com a formação do preço praticado pelos produtores dos diferentes estados, tais como, o grau de beneficiamento do produto, o mercado local, para quem este produto está sendo vendido, entre outros. Souza (2016) ressalta em sua obra, que no estado do Para a comercialização do buriti é comprometida pela distância da capital, Belém. Os produtores acabam optando por vender seus produtos para intermediários, visto que, os custos de transporte, a falta de laços comerciais e o dispêndio de tempo, tornam a ida para a capital muito arriscada.

Gráfico 1: Quantidade produzida (toneladas) e Valor da produção (mil reais) por UF – ano 2004.

Fonte: IBGE (2022).



Em 2009 ocorreu o caso de maior discrepância de todo o intervalo. Neste ano o Maranhão comercializava seu produto por R\$6,72/kg, enquanto o Acre o fazia por R\$0,38/kg. Esta diferença colocava o valor do produto maranhense 1668% a frente do acreano.

De todos os anos apresentados, o maior valor arrecadado por quilograma foi registrado pelo Maranhão em 2017, sendo R\$12,26. Já o menor valor arrecadado ocorreu em 2000 na Bahia, totalizando R\$0,22 por quilo transacionado.

Ao explorarmos outras fontes de dados sobre o mercado de buriti no Brasil destaca-se o Boletim da Sociobiodiversidade, produzido periodicamente pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que compila os valores recebidos pelo produtor de PFM bimensalmente. O buriti faz parte do boletim desde 2018 e tem seus dados coletados durante seu período de coleta, como pode ser observado na tabela 5.

Preços praticados do quilo do buriti em reais							
	abr/18	mai/18	jun/18	jul/19	ago/19	set/19	abr/20
Acre	0,30	0,30	0,30	0,55	0,55	0,61	1,00
Amazonas	0,78	0,75	0,68	0,46	0,46	0,45	0,40
Pará	1,18	1,18	1,18	1,08			1,35
Roraima	1,08	1,08	1,08	1,20	1,20	1,13	1,19
Preço Mínimo	1,16	1,16	1,16	1,24	1,24	1,24	1,24
Preços praticados do quilo do buriti em reais							
	jul/20	ago/20	set/20	mar/21	abr/21	ago/21	set/21
Acre	0,80	0,80	0,82	0,94	0,95	0,99	0,99
Amazonas	0,45	0,45		1,30	1,30	0,50	0,50
Pará				1,00	1,00	1,28	1,28
Roraima	1,19	1,19	1,24	1,25	1,22	1,24	1,19
Preço Mínimo	1,24	1,24	1,24	1,24	1,24	1,24	1,24

Tabela 5: Preços praticados do quilo do buriti em reais de 2018 até 2021.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Boletim da Sociobiodiversidade (2018;2019;2020;2021).

A Conab estabelece um preço mínimo a se pagar pelo quilo do buriti, onde podemos ver nos valores destacados em verde os meses em que alguns estados conseguiram alcançar ou ultrapassar esta marca. Já os valores grifados em vermelho representam os meses em que os produtores de alguns estados receberam abaixo da metade do valor estabelecido. Os campos sem valor inserido, de cor cinza, representam os meses onde não foram obtidos dados do produto.

O único estado que apresenta constância em atingir o preço mínimo é o Pará, enquanto que Roraima começa a alcançar esse valor somente a partir de 2020. Os estados do Acre e do Amazonas atingem patamares alarmantes, onde em alguns meses o produtor chega a receber menos de um terço do valor mínimo, dando mais ênfase ao estado do Acre. É possível captar melhor essas tendências ao verificarmos o gráfico 7.

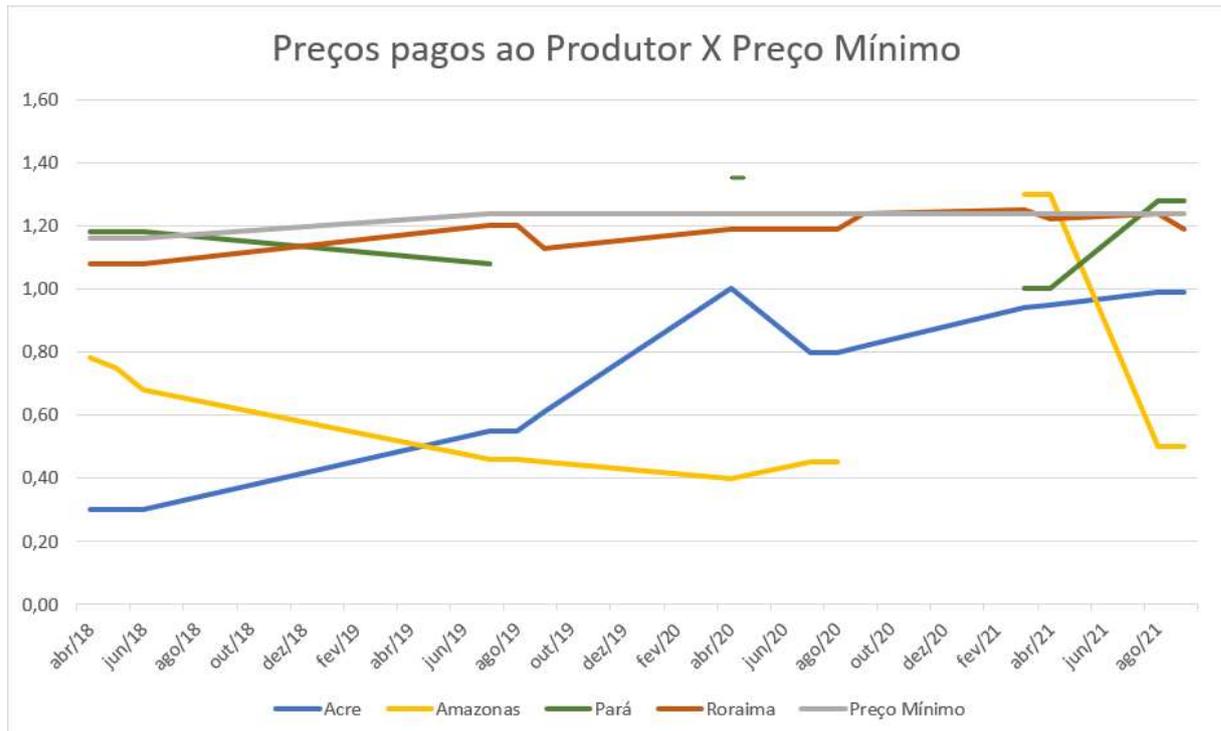


Gráfico 7: Preços pagos ao produtor nos estados- X Preço mínimo entre 2018 e 2021.
 Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Boletim da Sociobiodiversidade (2018;2019;2020;2021).

4. Distribuição de produtos do buriti no Distrito Federal

4.1. Caracterização das Organizações

Foram realizadas entrevistas com 4 organizações do Distrito Federal que trabalham com alguma variedade de produto do buriti, sendo duas cooperativas e duas organizações mercantis. As entrevistas tiveram como objetivo contextualizar as formas e características da aquisição e venda, incluindo os entraves que afetam a disseminação do buriti na capital.

A respeito dos fornecedores, as entrevistas apontam que estes se distribuem pelo Brasil com a quantidade variando entre 1 e 3 para cada organização. O estado do Piauí foi posto como fornecedor duas vezes nas entrevistas (Quadro 1), apesar de não apresentar grandes contribuições ou nenhuma contribuição (2020) nos dados fornecidos pelo IBGE na Tabela 2.

Quadro 1: Estados dos Fornecedores.

Organizações	Estado do Fornecedor
1	PI
2	MG
3	BA, GO, MG
4	GO, PI

Fonte: Pesquisa de campo.

Quanto aos tipos de produtos obtidos pelas organizações (Quadro 2), o maior destaque vai para as lascas de buriti. Segundo um dos entrevistados, “o produto é muito prático, é só colocar de molho que fica quase a mesma coisa que a polpa, aí dá pra fazer suco, bolo, doce, tudo que você faria com a fruta.”

Em seguida temos o óleo de buriti que, de acordo com Afonso e Ângelo (2012, p. 17), “dentre os benefícios apontados pelas indústrias de cosméticos, o óleo de buriti aumenta a elasticidade e diminui o ressecamento da pele exposta à radiação solar; auxilia na regeneração dos lipídios da camada córnea e aumento de FPS.”

Quadro 2: Produtos e quantidades adquiridas pelas organizações.

Organizações	Produtos adquiridos	Quantidade por ano
1	Doce em lata 22kg Doce em caixinha 400g	80kg 500kg
2	Lascas Farinha Desengordurada Óleo Artesanato	250kg 150kg SR SR
3	Lascas	400kg
4	Lascas Óleo	SR SR

SR = Sem Resposta Obtida.

Fonte: Pesquisa de campo.

Sobre as quantidades obtidas, foi perguntado aos entrevistados se suas organizações teriam interesse em obter mais destes produtos. As organizações 3 e 4 responderam que sim, inclusive a organização 3 afirmou que dobraria a quantidade requisitada. Já a organização 1 declarou que não e, por fim, a organização 2 atestou que a pergunta não se aplica a ela, pelo

fato de não controlar a quantidade de produto que irá receber, já que recebe os excedentes de uma cooperativa.

Acerca do processamento desses produtos comprados, as organizações 2 e 4 afirmam produzir pães, bolos e biscoitos a partir da farinha ou das lascas. A organização 1 também constatou fracionar e embalar alguns produtos. Por fim, a organização 3 produz farinha de buriti temperada e buriti desidratado granulado, a partir das lascas.

Em seguida, foram feitas perguntas a respeito dos preços praticados na venda dos produtos e suas respectivas margens de lucro (Quadro 3). Para as organizações 1 e 4 os produtos de buriti são considerados não rentáveis, enquanto para as organizações 2 e 3 são tidos como rentáveis.

Quadro 3: Preços de venda e margem de lucro dos produtos.

Organizações	Produtos	Quantidade	Preço (reais)	Margem de lucro
1	Doce em lata 22kg	1kg	32,90	10%
	Doce em caixinha 400g	Unid.	13,60	10%
2	Lascas	1kg	60,00	20%
	Farinha Desengordurada	1kg	60,00	20%
	Óleo	1l	120,00	20%
	Produtos de Panificação Artesanato	SR Unid.	SR SR	SR SR
3	Lascas	SR	SR	SR
	Farinha de buriti temperada	200g	28,80	60%
	Buriti desidratado granulado	250g	19,00	60%
4	Lascas	100g	15,00	SR
	Óleo	50ml	35,00	SR
	Produtos de Panificação			

Negrito = Produto mais vendido.

SR = Sem Resposta Obtida.

Fonte: Pesquisa de campo.

4.1.1. Fornecedores

Aprofundando mais a análise sobre os dados dos fornecedores, constatamos que as organizações 1 e 2 compram seus produtos de cooperativas, a organização 3 faz seus pedidos diretamente com extrativistas autônomos e a organização 4 negocia tanto com extrativistas autônomos, quanto com organizações.

Dentre os entrevistados, somente a organização 4 declara que não existem intermediários a montante na sua cadeia de suprimentos, transacionando apenas com os produtores de matéria prima. As outras organizações confirmam a existência de intermediários, porém, não são capazes de informar quem são ou sua quantidade.

Sobre a disposição do frete entre as organizações e seus fornecedores, a organização 2 alega que é feito por ambos, as organizações 1 e 4 afirmam que o frete é pago pelo fornecedor, já a organização 3 reitera que a entrega é feita diretamente pelo produtor.

4.1.2. Dificuldades de aquisição

Em seguida o foco parte para as dificuldades e expectativas que os entrevistados possuem a respeito do buriti (Quadro 4). Para os entrevistados 2, 3 e 4, a sazonalidade afeta a disponibilidade dos produtos nos seus estoques e os três apontam a sazonalidade como a principal dificuldade na obtenção dos produtos, dando ênfase na organização 3, que além da afirmação anterior, ressalta a pouca oferta como outro grande empecilho. Outro fato relevante para a discussão é o de que somente o entrevistado 3 afirma fazer as compras do buriti em um mês específico (setembro), enquanto os demais alegam que os meses de compra variam.

Quadro 4: Sazonalidade e dificuldade de aquisição.

Organizações	A sazonalidade afeta seus estoques?	Quais as principais dificuldades para a aquisição do buriti?
1	Não	Não há
2	Sim	Sazonalidade
3	Sim	Sazonalidade Pouca oferta
4	Sim	Sazonalidade

Fonte: Pesquisa de campo.

No que tange as expectativas quanto aos produtos de buriti, somente o entrevistado 3 anuncia esperar o aumento da demanda, dando a projeção estimada de 30%. Em contrapartida, os três restantes alegam que a demanda continuará linear, se mantendo no mesmo patamar. Quando perguntados sobre as perspectivas de 5 anos à frente para os produtos de buriti, o primeiro indica que a demanda continuará igual, os entrevistados 2 e 4 informam não ter planejado nada a respeito, enquanto o entrevistado 3 reafirma sua expectativa de aumento da demanda.

4.1.3. Distribuição e Escoamento

Foram também feitas perguntas acerca da distribuição e escoamento dos produtos no Distrito Federal. Primeiramente foram levantados os meios de distribuição de cada organização, seguido das principais regiões administrativas em que atuam (Quadro 5).

Quadro 5: Meio de Distribuição e Abrangência.

Organizações	Meios de distribuição	Principais regiões atendidas
1	Loja Feira	Plano Piloto Guará
2	Loja Virtual Market Place Feiras de Eventos Buffets Vendas no Deposito	Plano Piloto Sobradinho
3	Representantes comerciais Loja Virtual	SR
4	Entregas a Domicílio	Plano Piloto Guará Águas Claras Lago Sul/Norte Altiplano Leste

SR = Sem Resposta Obtida.

Fonte: Pesquisa de campo.

Posteriormente os entrevistados foram indagados sobre as suas principais dificuldades de escoamento. A empresa 3 declarou que existem poucas opções de transportadoras na região onde está instalada, o que torna suas operações dependentes da disponibilidade da prestadora de serviço. Outra adversidade foi relatada pela organização 4, que, devido às oscilações de demanda dos seus produtos, acaba por utilizar os carros pessoais dos funcionários no transporte das encomendas.

Após a realização das entrevistas com as organizações do Distrito Federal, entramos em contato com todos os fornecedores citados para a realização de mais entrevistas, entretanto, até o fechamento desta pesquisa, nenhuma resposta nos foi enviada.

5. Considerações finais

A produção de buriti vem se estabilizando nos últimos dez anos. Sua participação no montante arrecadado pelo Extrativismo Vegetal e Silvicultura ainda é pequena, apesar de apresentar crescimento. A renda gerada pelas atividades que envolvem o buritizeiro é de grande importância para muitas famílias, principalmente das regiões Norte e Nordeste do país.

O valor arrecadado pelo produtor a partir da venda do buriti vem crescendo nos últimos anos, no entanto, para muitos estados ainda está longe do ideal. As discrepâncias apresentadas ao compararmos os valores praticados entre os estados deve ser explorada mais a fundo para que seus motivos sejam compreendidos.

O Distrito Federal, apesar de integrante do Cerrado, está distante dos povos nativos e dos costumes originários destas terras. A inserção abrupta da capital no Nordeste de Goiás atraiu a vinda de muitos migrantes que trouxeram a cultura de seus respectivos estados de origem. Muitos dos povos Indígenas e os Sertanejos originários do cerrado foram então absorvidos pela urbanização ou tiveram que se mudar de suas terras.

Esta pode ser uma das causas prováveis da baixa popularidade de diversas espécies originárias do Cerrado em Brasília, incluindo o buriti. No entanto, as espécies nativas não enfrentam somente este problema, uma vez que a falta de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e de ações de valorização e fortalecimento, as desvalorizam ainda mais.

Considera-se que os objetivos deste trabalho foram em parte atingidos. Para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de pesquisas quantitativas para identificar comportamentos do consumidor neste setor, a aplicação do questionário para mais organizações, incluindo os agentes fornecedores da cadeia.

6. Referências

AFONSO, Sandra Regina; ÂNGELO, Humberto. A cadeia produtiva do buriti (*Mauritia* sp). Universidade de Brasília. Recuperado de <http://bit.ly/2FFktrt>, 2012. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Sandra-Afonso2/publication/340166924_A_CADEIA_PRODUTIVA_DO_BURITI_Mauritia_sp/links/5e7bd307a6fdcc139c04545d/A-CADEIA-PRODUTIVA-DO-BURITI-Mauritia-sp.pdf >. Acesso em: 24 de abr. de 2022.

AFONSO, Sandra Regina. Produtos florestais não madeireiros: do extrativismo vegetal à bioeconomia da floresta. In: EVANGELISTA, Wescley Viana (Org.), *Produtos florestais não madeireiros: tecnologia, mercado, pesquisas e atualidades*, Guarujá, SP: Científica Digital, 2021, p. 29-43. Disponível em: < <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210604944.pdf> >. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Calculadora do Cidadão. Correção de valor por índices de preços IGP-M (FGV). Disponível em: < <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADA0/publico/exibirFormCorrecaoValores.do?method=exibirFormCorrecaoValores&aba=1> >. Acesso em: 22, abr. 2022.

BARBOSA, A. Cooperativa produz sabonete com óleo de buriti, pataua, andiroba e açaí, 2016. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/05/cooperativa-produz-sabonete-comoleo-de-buriti-pataua-andiroba-e-acai.html> >. Acesso em: 22 de abr. de 2022.

CODEPLAN–COMPANHIA, DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO. FEDERAL. Atlas do Distrito Federal. Brasília: CODEPLAN, v. 5, 2020. Disponível em: < <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/Atlas-do-Distrito-Federal-2020-Capitulo-5.pdf> >. Acesso em: 22, abr. 2022.

CONAB. Análise do mercado agropecuário e extrativista. Boletim da Sociobiodiversidade. Brasil. Disponível em: < <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuario-e-extrativista/boletim-da-sociobiodiversidade> >. Acesso em: 21, abr. 2022.

DE BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Revista Evidência*, v. 7, n. 7, 2012.

DINIZ, J.; ÁVILA, M.; NOGUEIRA, M. DOSSIE: Inovações para a valorização de produtos da agricultura familiar e do agroextrativismo no contexto do Cerrado. *Sustentabilidade em Debate*, v. 5, n. 3, p. 16-18, 2014. Disponível em: < https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjfpOLRjvb3AhX_g5UCHUDRDm4QFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.unb.br%2Findex.php%2Fsust%2Farticle%2Fdownload%2F15643%2F13945%2F&usg=AOvVaw3jnWVUGtiL_9Gbc4rpRiNc >. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Distrito_Federal_\(Brasil\)&oldid=62886324](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Distrito_Federal_(Brasil)&oldid=62886324) >. Acesso em: 18 fev. 2022.

DISTRITO FEDERAL: Geografia. Enciclopédia Barsa Universal. volume 3. São Paulo: Barsa Planeta Internacional. 2009. p. 1012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33540597.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. de 2022.

FERNANDES, Mario Rique. Refazendo o sertão: o lugar do buriti (*Mauritia flexuosa* Linn. f.) na cultura sertaneja de Terra Ronca-GO. 2009.

HIRONAKA, G. M. F. N. O extrativismo como atividade agrária. *Jus Navigandi*, Teresina, n. 42, v.4, 2000. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/1667/o-extrativismo-como-atividade-agraria>>. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua - 2016. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Renda_domiciliar_per_capita/Renda_domiciliar_per_capita_2016.pdf>. Acesso em: 22, abr. 2022.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). Bioeconomia da floresta: a conjuntura da produção florestal não madeireira no Brasil. Brasília: MAPA/ SFB, 2019. Disponível em: <<https://www.florestal.gov.br/publicacoes/1727-bioeconomia-da-floresta-conjuntura-da-producao-florestal-nao-madeireira-no-brasil>>. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

PESQUISA EXPLORATÓRIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pesquisa_explorat%C3%B3ria&oldid=52570574>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PIOVESAN, A; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-25, 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Brasil. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/289>>. Acesso em: 21, abr. 2022.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. p. 112. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-711906>>. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

SAMPAIO, Maurício Bonesso. Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do buriti. 2011. Disponível em: <<https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/publicacoes/planeta/cartilhas-uso-do-buriti.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SAMPAIO, Maurício Bonesso; CARRAZZA, Luis Roberto. Manual tecnológico de aproveitamento integral do fruto e da folha do Buriti. 2012. Disponível em: <

<http://ecoverdemt.com.br/arquivo/documentos/7d09d92b-96a2-4c49-83b3-e28b26d57159.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. Espaços do sertão. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

SOUSA, Fagner Freires de et al. Miriti: o Açaí do Inverno? extrativismo, comercialização e consumo de frutos de *Mauritia flexuosa* Lf no Estuário Amazônico. 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13394/1/Dissertacao_MiritiAcaiInverno.pdf>. Acesso em: 30, abr. 2022.

SOUZA, Natália; VIANA, Deuzuita. ASPECTOS ECOLÓGICOS E POTENCIAL ECONÔMICO DO BURITI (*Mauritia flexuosa*). Agrarian Academy, v. 5, n. 09, 2018. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/Agrarian%20Academy/2018a/aspectos%20ecologicos.pdf>>. Acesso em: 21, abr. 2022.

Apêndice

Roteiro de Entrevista

A presente pesquisa está sendo realizada pela aluna de Gestão do Agronegócio, Laura Cruz, da Universidade de Brasília, para o seu relatório de estágio supervisionado. Esta tem como intuito fazer um estudo sobre a cadeia do buriti no Distrito Federal, buscando estudar as principais características da distribuição, venda e confecção de produtos à base de buriti em empresas do DF. Caso queiram, tanto o entrevistado quanto a empresa podem optar por não se identificar. As respostas apresentadas serão utilizadas para embasar e dar peso às conclusões de artigo que será elaborado a partir dos resultados da pesquisa. Por fim, contamos com a sua colaboração para responder às perguntas a seguir e agradecemos pela importante contribuição.

As perguntas a seguir tem como foco o buriti.

Aquisição

1. Vocês adquirem a fruta in natura, beneficiada (ex.: desidratada, congelada) ou já processada? Qual tipo de processamento é feito?
2. Qual a quantidade média anual requisitada do fruto?
3. Qual a facilidade ou dificuldade de obter a matéria prima?
4. É feito algum controle de qualidade do buriti recebido?

Fornecedores

5. De onde vêm estes produtos? Pode especificar município(s)?

AC	AL	AP	AM	BA	CE	DF	ES	GO
MA	MT	MS	MG	PA	PB	PR	PE	PI
RJ	RN	RS	RO	RR	SC	SP	SE	TO

6. Quais são os seus principais fornecedores?
7. A relação da sua empresa com os fornecedores é formal (com um contrato estabelecido)?

- 7.1. Se a resposta for sim, esse contrato estabelece a frequência das compras?
8. Os seus fornecedores são empresas, intermediários, associações extrativistas ou extrativistas autônomos?
9. Tem ideia do número de intermediários (Pessoas ou empresas que compram e revendem o produto) por quais os frutos passam até chegarem a sua empresa?
- 9.1. Caso a resposta à pergunta acima seja positiva, o senhor tem noção de quem sejam estes intermediários?
10. Quais são os meios de comunicação utilizados para entrar em contato com o fornecedor? Eles funcionam sempre ou apresentam dificuldades de conexão?
11. Caso houvesse maior oferta do produto você compraria? Se afirmativo quantos reais por quilo estaria disposto a pagar? E quantos quilos estaria disposto a comprar?
12. Conhece outras empresas da região do DF que adquirem o buriti dos mesmos fornecedores que você?
13. A qualidade do buriti comprado por vocês é satisfatória para a produção dos seus produtos?

Empresa

14. Quais variedades de produtos e subprodutos do buriti são ofertadas pelo seu empreendimento?
15. Qual o produto do buriti que mais vende?
16. Em quais meses a venda desses produtos é maior?
17. A sazonalidade do buriti afeta a disponibilidade de produtos nos seus estoques?
- 17.1. As compras de buriti são feitas ao longo do ano ou em determinadas épocas?
18. Há expectativa de aumento na demanda desses produtos?
19. Qual o preço dos seus produtos de buriti?
- 19.1. Você considera os produtos do buriti rentáveis, levando em conta a margem de lucro que eles geram?

20. Quais as perspectivas da empresa para daqui a cinco anos em relação ao uso do buriti?
21. Como os frutos são acondicionados até a etapa de processamento?
22. Há resíduos ou coprodutos dos frutos processados? Se sim, quais são e qual o destino destes?
23. Quais as principais causas de perdas identificadas pela sua empresa?

Transporte

Entrada

24. Como é feito o transporte do buriti até a sua empresa?
25. O frete é contratado pelos fornecedores ou pela sua empresa?
26. Os meios de transporte disponíveis são considerados satisfatórios (atendem as necessidades do transporte do buriti por um bom preço)?
27. Os prazos de entrega são cumpridos?
28. Existe algum mecanismo de acompanhamento, para localizar a carga?
29. Quanto tempo, em média levam para transportar o produto do fornecedor até sua empresa?
30. Existe alguma complicação que dificulta o transporte?

Escoamento

31. Como os produtos da sua empresa são distribuídos no DF?
32. Para quais regiões administrativas os seus produtos são enviados?
33. É a sua empresa que paga pelo transporte dos produtos ou quem vai recebe-los?
34. Os veículos utilizados para o transporte necessitam de alguma adaptação?

35. Os meios de transporte utilizados pela sua empresa para o escoamento dos produtos são satisfatórios?
36. Os prazos de entrega são cumpridos?
37. Existe algum mecanismo de acompanhamento, para localizar a carga?
38. Existe alguma complicação que dificulta o escoamento?